

Quatro milhões e seiscentos mil desesperançados. Conservadoramente, um dependente para cada um; fala-se de homens e mulheres com a responsabilidade das despesas da casa. Não é exagero contar dez milhões. Não existem para as estatísticas; quando a cabeça, ou cabeça para de procurar emprego, somem, deixam de existir para os desinteressados. Cansaram, desiludiram-se, boa parte não tem mais dinheiro sequer para o papel do currículo, para a passagem, como aqueles que não preparam currículos. São mortos-vivos, não comem; como podem comer? Dos que comem ou de algum modo trabalham, uma parcela diminuiu quantidades e qualidade, faz malabarismos, esticam o que podem o dinheiro do emprego periclitante, do subemprego que se vai indo, do desemprego ainda com algum no bolso, candidatos a desesperançados, uma luta desesperada. Até quando resistirão a essa existência absurda enquanto veem tanta gente justificando tudo, panos quentes para todo lado?

Quando o blog falou na reserva huxleyana, houve quem classificasse a dicção de exagero, fatalismo, até de terrorismo. A realidade de hoje, entretanto, sugere que só está faltando transferirem essas pessoas para lugar bem remoto, de preferência inacessível. Quanto tempo elas resistirão? A conta dos desempregados chega a treze milhões e setecentos mil, agora o desabastecimento, batata inglesa a praticamente dez reais o quilo; afora os plenamente empregados, para os que comem sofrivelmente ficou ainda mais difícil. Não há alternativas bastantes para o transporte de produtos alimentícios, do próprio combustível, o Brasil é amnésico do transporte marítimo costeiro, do transporte ferroviário como elemento básico da infraestrutura econômica. A Petrobras, musa dos cantores da glória administrativa, sem demérito para os seus acertos ajudados pela situação internacional do petróleo, reduziu em dez por cento o preço do diesel nas refinarias. Por quinze dias. E depois desses quinze dias? A Empresa já avisou; sem chance, vai continuar acompanhando o mercado internacional. Seria esquizofrenia se não fosse esquisitice, nem mesmo é insensibilidade, o país, uma senhora bagunça, de várias frentes, colocado no mesmo cesto, para os efeitos da Petrobras, de França, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra. Não é apenas insensibilidade.

Inflação controlada? Esse assunto foi objeto, aqui, de artigo específico. Com tanta gente fora do mercado de trabalho, comendo mal e não comendo, comprando menos ou, como no caso dos desesperançados, comprando nada, o que queriam, inflação descontrolada? Incompetência e falta de jeito têm limites. Faltam compradores, essa é a realidade, não há pressão sobre os preços. Mérito? Que mérito? A propaganda recrudescer, os panos quentes campeiam, sem falar da auto louvação, com os fatais coros de sempre. Ignorância da verdade verdadeira, da realidade?

É difícil para qualquer ser humano normal dormir em paz sabendo que, no momento do sono, milhões de patricios, no país, nossas crianças, nossos indefesos patricinhos, estão com fome, sem comer, sem um cobertor decente para o inverno já na porta, os arautos da Administração, barrigas cheias, dormindinho em camas macias de quartos aconchegantes, achando que, ora, por que perder o sono? Desculpem-me as senhoras e senhores passeateiros se não consigo sorrir com eles a achar que a nossa tragédia é coisa de somenos que as eleições de Outubro resolverão. Não vão! Seu filho está mal agasalhado, desagasalhado, sem cobertor; ele não tem o que comer, está com fome? Tenho cuidado em falar desse assunto, receio que diga uma senhora, se não têm pão, por que não comem brioche? Voilà, Madame!

Das bobagens que se ouvirão na campanha eleitoral, crescer como, com esse arremedo de estrutura que aí está, com a habitual falta de planejamento econômico e administrativo, com a Previdência fora do controle dos interessados que pagam por ela e se aposentam por favor e com merrecas, atirada na vala comum das contas públicas, às quais, na verdade, não pertencem? Cuidem os trabalhadores do que lhes pertence, assumam a responsabilidade e usufruam da sua boa gestão, era assim no passado e funcionava muito bem. Há muito tempo é necessário aplicar na Previdência o princípio constitucional de que todos, sem exceção, são iguais perante a lei. Por que o operário, o comerciário, o autônomo humilde, o ambulante têm de se matar de trabalhar para pagar com o seu trabalho, com a sua contribuição, a aposentadoria integral do funcionário público e na hora de se aposentar vê o seu ganho mensal despencar, dele recebe uma fração, apenas?

Em termos de país, a reforma fiscal é mais importante do que a reforma previdenciária, mas reforma de verdade, não maquiagem, simples troca de nome de impostos ou mero agrupamento deles. Por que ninguém fala em cortar as benesses concedidas às Empresas, subsídios e incentivos, isenções e facilidades culminadas com a estapafúrdia e improvisada reforma trabalhista imposta a quem de fato paga a conta? Ninguém fala em cortar custos, racionalizar e adequar despesas. Precisamos acabar com o déficit, claro! Corte-se antes de qualquer coisa o “ auxílio ” aos donos da Economia e transfira-se a Administração da Previdência para os trabalhadores. Volta e meia não se está falando de

desinchar o Estado e privatizar? Nenhuma conversa sobre privatizações será séria se não começar pela privatização da Previdência. E se os nossos empresários insistem em não aposentar o pires na mão, abra-se de vez a Economia, varra-se de vez a política viciada para longe do assunto previdência e de todo o resto das matérias de interesse público, diminua-se o tamanho do congresso, acabe-se com a burocracia que dificulta o registro de negócios, um descabro nunca atacado com seriedade. Sem esquecer o Câmbio, uma possessão. E pare-se de atrapalhar o empresário estrangeiro, especialmente o Europeu, de aplicar produtivamente no Brasil. Desde que ele pague os impostos direitinho e tenha segurança para o seu capital deve ser deixado em paz com as suas obrigações e com os seus direitos, e para entrar e sair do Brasil quando quiser. Tudo, porém, sem qualquer incentivo ou auxílio especial, notadamente os direta e indiretamente onerosos para o país. É impossível desenvolver uma Economia quando os empresários consideram estar fazendo favor ao país que propicia com facilidades cabeludas a formação de fortunas pessoais. Eles quererão mais, sempre mais. Não é o que está acontecendo?

A atual Administração foi empossada para ser esquecida; merece um bom “despacho” em sua despedida e a expectativa de que esteja sendo esperada logo ali, na esquina, pelos profissionais que não dormem, são pacientes, às vezes parecem morosos, são na verdade inflexíveis e têm o seu tempo. Dois anos, ano e meio, vá lá, não dá para consertar, mas dá para fazer alguma coisa, muita coisa, dependendo de saber-se o que se está fazendo. Teto de gastos? Sozinho, solitário? Uma derivação equivocada, ou proposital, sabe-se lá, do teto para endividamento, não faz qualquer sentido numa Economia estilhaçada como a brasileira. Numa escala de zero a dez, nota quatro com muito boa vontade. A gestão econômica de um país não compadece a presença de um banqueiro. Se na Presidência pode? Por favor, é mais que tempo de pararmos com brincadeiras, especialmente as de mau gosto. A propósito, o blog elegeu a sua frase campeã da última semana:

“A Bolsa não caiu, ela variou”.

Havia um ditado frequentemente lembrado na região do Rio da Prata, não sei se ainda é:

A raposa perde o pelo, mas não perde os hábitos.

